

BOTOS NA LAGOA DOS PATOS

Hugo P. Castello e M. Cristina Pinedo *



"Manada" de três indivíduos no canal e ao fundo as estacas para redes de espera de camarões, onde ocasionalmente se emaranham.

Aproximadamente uma centena de botos *Tursiops gephyreus* penetram no canal de acesso da lagoa dos Patos. Um estudo recentemente iniciado, sobre o comportamento e biologia destes golfinhos, procura identificar os exemplares

por marcas naturais que apresentam no dorso. Espera-se assim poder identificar as distintas "manadas" e estabelecer se estas delimitam o território dentro do qual se deslocam. Vários fatores ameaçam a preservação dessa espécie.

*Pesquisadores do Módulo de Comunidades Nectônicas, Base Oceanográfica Atlântica, Fundação Universidade de Rio Grande.

O boto, golfinho ou delfim, é um cetáceo da família Delphinidae que alcança os 3 metros de comprimento, podendo ultrapassar 300 quilogramas de peso.

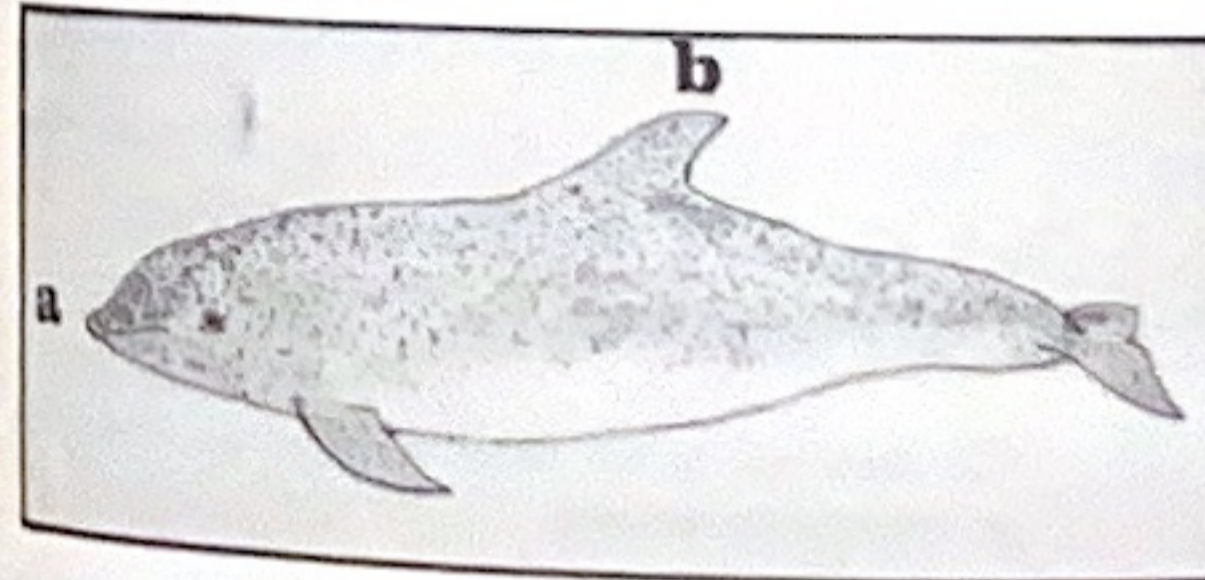
Apesar de ser uma espécie relativamente comum na área costeira do Atlântico Sul ocidental, distribuindo-se desde a península Valdes, na Argentina, até São Paulo, ainda permanecem desconhecidos pelos biólogos marinhos, numerosos aspectos da biologia e comportamento do *Tursiops gephyreus*.

Os botos nadam lentamente, preferindo quase sempre as águas costeiras e com certa frequência penetram nos estuários, rios e lagoas marginais. Na Argentina, por exemplo, onde é conhecido pelo nome de "toninha", são abundantes na baía de Saborombón e no Brasil os encontramos no canal de acesso à lagoa dos Patos, onde foram feitas estas observações.

O Laboratório de Comunidades Nectônicas da Base Oceanográfica Atlântica da FURG iniciou um estudo do comportamento e biologia deste delfim, com o propósito de reunir informações necessárias para sua melhor proteção e conhecimento.

De acordo com nossas observações preliminares, a presença ou ausência do boto na zona do canal e área estuarial da lagoa dos Patos dependeria de vários fatores, sendo entre outros, a salinidade das águas e a abundância de peixes, os primordiais. As probabilidades de encontrar-se botos no canal aumentam em relação com a maior salinidade da massa de água e com a presença de tainhas (*Mugil* sp.).

Tursiops gephyreus, boto: a) bico curto; b) aleta dorsal proeminente.



Crânio de um exemplar da espécie, *T. gephyreus*, onde se nota uma protuberância óssea na região occipital, que o distingue de *T. truncatus*.

O boto é um animal social que sempre constitui "manadas" numerosas. Seu deslocamento é feito em grupos de três ou quatro indivíduos, sendo possível no começo do verão ver um filhote acompanhado por dois adultos, provavelmente macho e fêmea. Nos deslocamentos dentro da área estuarial da lagoa dos Patos chegam a penetrar até o canal de São Gonçalo, que une a mencionada lagoa com a lagoa Mirim.

Durante nossos cruzeiros pelo canal, a bordo da lancha "Squalus", ou em pequeno bote com motor fora de popa, tratamos de localizar as "manadas" de botos para observar seu comportamento.

Com câmaras fotográficas e binóculos registramos os distintos aspectos de seu comportamento natatório. Deste modo observamos que quando um boto se aproxima da superfície para respirar, primeiro aparece o focinho e o dorso da cabeça, onde se localiza o respiradouro; logo e simultaneamente se observa a aleta dorsal e num terceiro movimento o pedúnculo caudal é curvado e o animal mergulha. A curvatura do pedúnculo é diretamente proporcional à profundidade do mergulho, ou seja, a curvatura torna-se maior quando o mergulho a ser realizado é mais profundo.

As imersões são variáveis em tempo, ou seja, os períodos de apnéia variam de 10 a 70 segundos e dependem da atividade que o boto está realizando embaixo d'água. A média calculada

para esses períodos foi de 30 segundos, considerando os 28 valores registrados.

Em poucas oportunidades temos visto o boto pular fora d'água mas, freqüentemente, nada com o ventre voltado para a superfície e notamos que adota a posição vertical, deixando a cauda fora d'água.

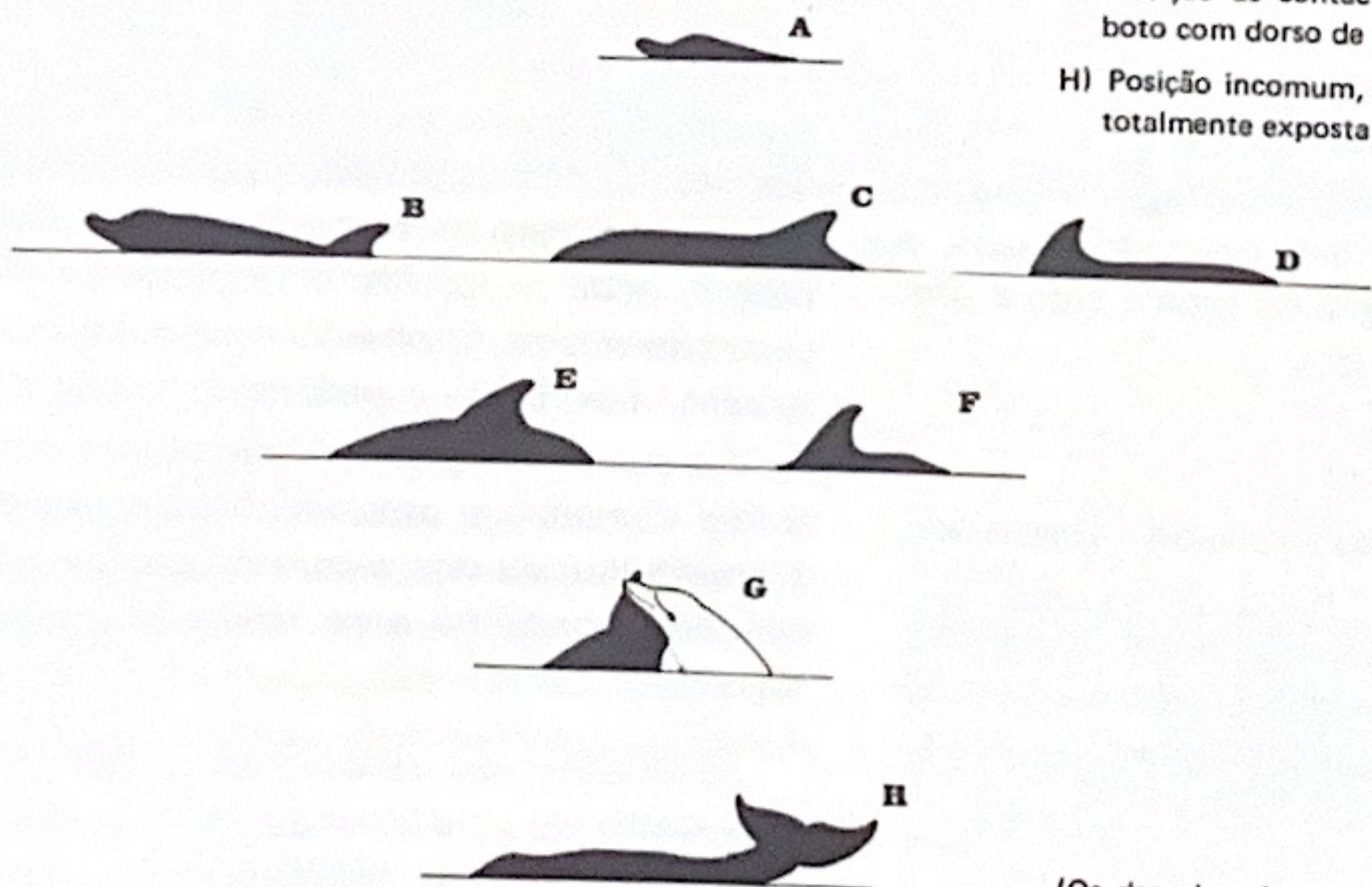
A base da aleta dorsal apresenta, às vezes, mordidas, estrias ou manchas de cor, sendo que alguns exemplares ao serem fotografados com teleobjetiva podem ser reconhecidos e, desta maneira, lhes é dado uma letra e um número. No caso de um exemplar já conhecido ser avistado mais de uma vez pode-se ter idéia de seus deslocamentos e deste modo, determinar ou não se cada exemplar tem um território próprio.

Dotado de 22 dentes cônicos em cada ramo mandibular, o boto é um poderoso predador de peixes, especialmente no interior da Lagoa onde não tem competidores. Parece mostrar uma certa preferência pelas tainhas no Brasil, e pelas curvinas (*Micropogon opercularis*) na Argentina.

Quando a tainha sente-se perseguida por um boto tenta desesperadamente escapar de seu predador, pulando fora d'água para despistá-lo. Às vezes o boto também pula e a pega no ar. Como a tainha é um peixe eurihalino, ou seja, pode viver tanto no mar como na água doce, o boto se vê obrigado a seguir seu deslocamento.

Quanto à salinidade, os valores máximos e mínimos obtidos, na presença dos botos, foram os seguintes: 26.6‰ e 2.86‰. Em outra oportunidade a salinidade das águas do canal havia caído a 0,47‰, não se registrando então a ocorrência de botos.

- A) Início do movimento para expiração, aparecendo o focinho.
 B) Movimento inspiratório com aparecimento da nadadeira dorsal.
 C,D) Início do mergulho, sendo que em D aparece o pedúnculo caudal.
 E,F) Variações de C,D para mergulho mais profundo, observando-se maior curvatura do dorso.
 G) Posição de contacto (cumprimento). Bico de um boto com dorso de outro.
 H) Posição incomum, na qual a nadadeira caudal está totalmente exposta e a dorsal não aparece.



(Os desenhos foram feitos baseados em fotos tiradas no começo do estudo).

Temos também registros de ocorrência de botos frente à praia do Cassino (ao sul de Rio Grande) e em Torres. Sem dúvida seria de grande interesse poder contar com registros (avistagens) e material osteológico de outras localidades da costa do Rio Grande do Sul. De grande importância para nós seria, também, contar com registros de botos no interior da lagoa dos Patos para determinar até onde estes espécimens penetram em seus deslocamentos. Obtivemos informações da morte de alguns, anos atrás, próximo ao delta do Guaíba, por efeitos da poluição, contudo a informação a respeito é escassa e muito fragmentária.

Há poucos anos atrás, o boto do Atlântico Sul ocidental era confundido com o do Atlântico Norte, dando-se o nome deste de *Tursiops truncatus*. Contudo, mais recentemente, PILLERI e GIHR (1972), CARVALHO (1975), CASTELLO e GIANUCA (no prelo) adotaram o nome científico de *T. gephyreus* LAHILLE, 1908. A diferença básica entre *T. gephyreus* e *T. truncatus* consiste no menor número de vértebras da primeira espécie, além de diferenças osteológicas do crânio.

No momento não temos estabelecido o número total de botos que povoam o canal da lagoa, tratando-se provavelmente de uma centena.

No caso da pesca artesanal de camarões os botos ocasionalmente ficam presos nas redes de espera, o que os impossibilita de subir à superfície para respirar, morrendo por asfixia.

Estamos em condições de prever que, à medida que a poluição das águas aumente, o tráfico marítimo de barcos de grande calado se intensifique no Super Porto e as atividades de pesca artesanal para camarões continuem, os riscos para a sobrevivência desta espécie nas águas da lagoa aumentarão progressivamente.

Obtendo um melhor conhecimento biológico e comportamental deste boto estaríamos em condições de adotar medidas tendentes à sua preservação. ■



Tursiops gephyreus, notando-se estrias na parte direita do dorso, que permitem reconhecê-lo.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, C.T. de Ocorrências de mamíferos marinhos no Brasil. *Boletim Técnico do Instituto Florestal*, São Paulo (16):13-31, 1975.
 CASTELLO, H.P. & GIANUCA, N.M. Estudo preliminar dos cetáceos da costa do Rio Grande do Sul, Brasil. *Atlântica*, Rio Grande, 2(1) /no prelo/.
 GASKIN, D.E. Whales, dolphins and seals. New York, St. Martin's Press, 1972. 200p., il.
 LAHILLE, F. Nota sobre un delfin (*Tursiops gephyreus*). *Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires*, 16:347-65, 1908.
 PILLERI, G. & GIHR, M. Record and taxonomy of *Tursiops gephyreus* Lahille, 1908 from Playa La Coronilla, Uruguay. In: PILLERI, G. ed. *Investigation on cetacea*. Berne, Inst. Brain Anat., 1972. v.4, p.173-81.